
CARTA AO LEITOR

A revanche do Sonho

*“O homem é muito útil. Sabe voar, sabe matar.
Tem, porém, um defeito: Ele sabe pensar...”
(Bertoldt Brecht)*

Se fosse de outro jeito talvez não sofresse tanto. Penso seriamente sobre a UTOPIA. Se a reprimo, choro, senão, no mínimo um cabelo descomposto. De qualquer forma, uma mudança. Talvez seja com o que mais me preocupe ultimamente: resgatar desse anonimato, dessa alienação imposta pelos de cima, uma controvérsia. Uma só. Uma pequena descompostura para lembrar que a vida não é só a expectativa – riso do senhor dono do cão que abana o rabo, satisfeito com o azul ou inconformado com a possibilidade do vermelho (Ah, essa cor maldita...).

Depois desta pandemia, deste ciclo político desastroso para o Brasil, acredito que viveremos um intenso processo político no Brasil, uma nova ruptura, já virou clichê, mas, nem por isso desnecessário de se relembrar. O ápice foi o impeachment de Dilma, mas também vivemos a morte de Marielle Franco; os 80 tiros no carro de família do músico no Rio de Janeiro que mata Evaldo Rosa; massacre no Jacarezinho, 28 mortes; Operação policial e 23 mortos na Vila Cruzeiro; morte de Moïse no Quiosque; Genivaldo e a câmara de gás; os arrastões, e, por mais armas que adquirimos, fechaduras e cadeados que coloquemos em nossas portas e janelas, em algum lugar ainda ouvimos os gritos dos meninos da Fundação CASA e tantas outras crianças que morrem a cada minuto.

O mundo? Vai de Ucrânia a pior. O ultraliberalismo não consegue mais esconder as suas mazelas. A ruptura que nos sugeria o Muro de Berlim, apenas desvenda ainda mais a obscenidade do nosso mundo ocidental hoje; sem utopias, não faz mais sentido falar de liberdade a homens livres, não é mesmo! Onde a felicidade nos é vendida diariamente pelas telas. Um fervilhar incontrolável de multiplicidades e particularismos! Uma sociedade que robotiza e atomiza os indivíduos em nome de alguns equívocos, como: a “liberdade” (“seja você mesmo: tome guaraná!”), ou a “igualdade” (“Este computador é para a geração que nasceu para mandar”), ou, quem sabe, a “fraternidade” (“o importante é levar vantagem em tudo!”).

Fundado sob as palavras, isto é, afinal, o nosso século: se impalpável, indescritível, fluido, inconceituável ou, o que é pior, cruel, é o que temos no momento. Nele vivemos e sobre ele, nos pequenos intervalos em que a contragosto desligamos o APP no celular, especulamos, discutimos e depois (para que se incomodar, não é!), voltamos bem-comportados para nossos lugares: a retórica nunca exigiu mesmo grandes ações!

E nós, como vivemos neste século XXI?

Vivemos para ser cidadão. Ser cidadão é, antes de tudo, entendermos que não pertencemos a nós mesmos, mas à comunidade no qual estamos inseridos. Nesse sentido, exercemos a cidadania enquanto entidade, fazemos valer e respeitando as diferenças de posições e atuando conjuntamente na busca das nossas utopias.

Portanto, não bastam apenas conjecturas. A sociedade exige o nosso compromisso e atuação.

São os próprios homens que criam a sua história. No século XX, esta verdade foi compreendida pela maioria daqueles que pensaram nas causas do desenvolvimento histórico. Nos nossos dias tornam-se cada vez mais evidente que o futuro da humanidade depende precisamente da atividade dos homens e mulheres.

E nós da AGB/Bauru? Contribuímos com esse compromisso de atuação e exercício de cidadania, levando a luz mais uma UTOPIA, a publicação de mais um número da Revista Ciência Geográfica, a edição XXVI - 2 é composta por 26 artigos, fruto de um projeto coletivo de muitas mãos, é uma edição especial composta por um esforço de integração de várias unidades acadêmicas, na busca de uma integração latino-americana, tendo contribuições de colegas de várias unidades acadêmicas de Norte ao Sul do continente Americano. Tendo como pano de fundo uma homenagem ao professor Milton Santos, que se torna realidade, pois, como disse o mestre Raul Seixas; *“Sonho que se sonha só é só um sonho... mas... sonho que se sonha junto é realidade.”*

“Estamos convencidos de que a mudança histórica em perspectiva provirá de um movimento de baixo para cima, tendo como agentes principais os países subdesenvolvidos e não os países ricos; os deserdados e os pobres e não os opulentos e outras classes obesas; o indivíduo liberado, participe das novas massas, e não o homem acorrentado; o pensamento livre e não o discurso único. Os pobres não se entregam e descobrem a cada dia formas inéditas de trabalho e de luta; a semente do entendimento já está plantada e o passo seguinte é o seu florescimento em atitudes de inconformidade e, talvez, rebeldia”

Milton Santos

Foz do Iguaçu, 06 de junho de 2022.
Zeno Soares Crocetti

LETTER TO THE READER

The rematch of the Dream

*“The man is very useful. He knows how to fly, he knows how to kill.
He has, however, one flaw: He knows how to think...”
(Bertoldt Brecht)*

If it were otherwise, maybe it wouldn't hurt so much. I think seriously about UTOPIA. If I repress it, I cry, if not, at least a messed up hair. Anyway, a change. Perhaps this is what worries me most lately: to rescue from this anonymity, from this alienation imposed by those above, a controversy. Only one. A little rant to remind you that life is not just about expectations – laughter from the owner of the dog who wags his tail, satisfied with blue or unhappy with the possibility of red (Ah, that damn color...).

After this pandemic, this disastrous political cycle for Brazil, I believe that we will live an intense political process in Brazil, a new rupture, it has already become a cliché, but not unnecessary to remember. The apex was Dilma's impeachment, but we also experienced the death of Marielle Franco; the 80 shots in the musician's family car in Rio de Janeiro that kills Evaldo Rosa; massacre in Jacarezinho, 28 deaths; Police operation and 23 dead in Vila Cruzeiro; Moïse's death at the Kiosk; Genivaldo and the gas chamber; the trawlers, and, no matter how many weapons we acquire, locks and padlocks we put on our doors and windows, somewhere we still hear the screams of the CASA Foundation boys and so many other children who die every minute.

The world? It goes from Ukraine to the worst. Ultraliberalism can no longer hide its ills. The break that the Berlin Wall suggested to us only reveals even more the obscenity of our western world today; without utopias, it doesn't make sense to talk about freedom to free men, does it! Where happiness is sold to us daily by screens. An uncontrollable swarm of multiplicities and particularisms! A society that robotizes and atomizes individuals in the name of some misconceptions, such as: “freedom” (“Be yourself: take guarana!”), or “equality” (“This computer is for the generation that was born to rule”), or, perhaps, “fraternity” (“the important thing is to take advantage of everything!”).

Founded on words, this is, after all, our century: whether impalpable, indescribable, fluid, inconceivable or, what is worse, cruel, is what we have at the moment. In it we live and on it, in the small intervals in which we grudgingly turn off the APP on our cell phone, we speculate, we discuss and then (why bother, isn't it!), we return well-behaved to our places: the rhetoric never really demanded big actions. !

And how do we live in this 21st century?

We live to be citizens. Being a citizen is, above all, understanding that we do not belong to ourselves, but to the community in which we are inserted. In this sense, we exercise citizenship as an entity, we enforce and respect differences in positions and work together in the pursuit of our utopias.

Therefore, conjecture is not enough. Society demands our commitment and performance.

It is the men themselves who create their history. In the twentieth century, this truth was understood by most of those who thought about the causes of historical development. In our days it is becoming more and more evident that the future of humanity depends precisely on the activity of men and women.

What about us at AGB/Bauru? We contribute to this commitment to acting and exercising citizenship, bringing to light yet another UTOPIA, the publication of another issue of the Revista Ciência Geográfica, the XXVI - 2 edition consists of 26 articles, the result of a collective project of many hands, it is a special edition made up of an effort to integrate several academic units, in the search for Latin American integration, with contributions from colleagues from various academic units from North to South of the American continent. With the backdrop of a tribute to Professor Milton Santos, which becomes reality, because, as master Raul Seixas said; *“A dream that you dream is just a dream... but... a dream that you dream together is reality.”*

“We are convinced that the historical change in perspective will come from a bottom-up movement, with underdeveloped countries as main agents and not rich countries; the disinherited and the poor rather than the wealthy and other obese classes; the liberated individual participates in the new masses, not the man in chains; free thought and not single speech. The poor do not surrender and discover new forms of work and struggle every day; the seed of understanding is already planted and the next step is its flowering in attitudes of nonconformity and, perhaps, rebellion”

Milton Santos

Foz do Iguaçu, June 06th, 2022.

Zeno Soares Crocetti